

Outra visão do Inferno

Crítica de teatro

Viagem de Inverno



De Elfriede Jelinek. Pela Companhia de Teatro de Almada. Enc. Nuno Carinhas. Almada. 24/01. Sala cheia.

Personagens? Esqueçam, não há. Enredo? Nem vale a pena procurar. O que há são palavras organizadas em frases ora ternas, ora cortantes. Uma vez irónicas, outras sarcásticas, aqui e ali fluxos de consciência. A espaços sinais de dor, e ainda de um ou outro remoço dirigido à hipocrisia social, porém um discurso lúcido (mesmo quando discutível). Uma observação do estado desta era, e do estado de alma de uma autora, expostos ao longo de oito jornadas inspiradas na música de Franz Schubert – que também inspiraram Ana Cris, Flávia Gusmão e Teresa Gafeira (e uma breve intervenção em vídeo, qual oráculo, de Sara Carinhas) nas suas exemplares interpretações destes pouco mais do que monólogos.

Viagem de Inverno é um daqueles títulos que a ficção usou e repisou e, de certo modo, vulgarizou. As aparências felizmente iludem e nem a *Viagem de Inverno* que Schubert compôs a partir de duas dúzias de poemas de Wilhelm Müller, nem a crua *Viagem de Inverno* na qual Elfriede Jelinek se deixou influenciar pelas referidas canções do compositor e do poeta românticos são títulos de comédia sentimental ou de qualquer dessas reminiscências saudosistas e confessionalistas que a indústria cultural tem produzido em barda. Não que a escritora e dramaturga austríaca – saída, como Thomas Bernhard, Peter Handke, Karl Kraus

ou Michael Haneke, que dela filmou *A Pianista*, de uma fileira de autores em conflito permanente com o passado de complacência do seu país em relação ao nazismo e respectivas recaídas – hesite em expor suas mágoas mais profundas, os seus pensamentos mais negros, as suas estupefacções, quase sempre entre a ironia e um sarcasmo cruel sobre os fenómenos da modernidade. O que podia ser um exercício vazio, mas é afinal um lugar onde a dor e a questionação íntimas se confundem com a capacidade de observação e de relacionamento e de interpretação da escritora, decerto como sinal da sua vontade de despertar pelo menos algumas consciências (ou, singelamente, de expurgar algum fel), arrastadas pelas repetições, pelas rimas, às vezes apenas pelos sons, outras vezes pelos assuntos (o “embelezamento” de um banco para o vender mais caro, o caso Natascha Kampusch, o papel das redes sociais ou, pura e simplesmente, o turismo).

Monólogos aos quais a encenação (e também a cenografia e os figurinos de Nuno Carinhas), realçando a importância do tempo, quer do que vivemos, mas principalmente do tempo cénico, corresponde com imaginação, eficácia e plasticidade, construindo uma abordagem em que o mais importante, o substancial mesmo, é realçar o carácter musical do original para eventualmente encontrar o sentido das palavras e a relação entre acontecimentos políticos, públicos e pessoais com que a autora infecta o texto. Um texto que não aspira à posteridade, pois vive do aqui e do agora, como que precisando de intervir urgentemente e de agir sobre as consciências expondo a sua interpretação e projecção dos factos que testemunha, quando não os vive.

Rui Monteiro

